

A CASA DO SIMULADO



MINISSIMULADO 169/360

PORTUGUÊS





SIMULADO – 169/360

PORTUGUÊS

INSTRUÇÕES

- **TEMPO: 30 MINUTOS**
- **MODALIDADE: CERTO OU ERRADO**
- **30 QUESTÕES**



COMPOSIÇÃO DO SIMULADO

- **30 Questões Português**



DEMAIS SIMULADOS NO LINK ABAIXO



[CLIQUE AQUI](#)

REDE SOCIAL



[CURTA NOSSA PÁGINA](#)

MATERIAL LIVRE

Este material é **GRATUITO e pode ser divulgado e compartilhado**: A Casa do Simulado a autoriza. A venda desse material é proibida!

IMPORTÂNCIA DO TREINO DIÁRIO

É de conhecimento de todos que fazer questões é um dos melhores métodos de absorção de conteúdo, em contrapartida nem todos podem dispender tempo para se organizar e realizar questões com a frequência necessária para manutenção dos conceitos. Todo dia haverá um minissimulado novo, se não puderem fazer todos os dias, ao menos no final de semana treine, a equipe da Casa do Simulado deseja a todos bons estudos.

TEXTO I

1 O índio não teve muita sorte na literatura brasileira,
depois do Romantismo. Enquanto nas letras
hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo
4 século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores
dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se
podem contar nos dedos das mãos os casos.

7 Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e
grande vendagem de **Maira**, romance de Darcy Ribeiro.
O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações
10 uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os
índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em
filme no início da década de 70. **Maira** é, portanto, a primeira
13 incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a
história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso
16 de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o
qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns
ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação,
19 epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria
sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de
22 lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez
acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera,
matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem
narrado na tragédia **Hércules Furioso**, de Eurípedes.
25 Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do
desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas.
28 E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de
Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Iliada**,
desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à
31 recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não
fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo
34 selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva
multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a
apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro,
37 encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos
Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as
tribos, povo de Maira — é como sobreviver e como fazer sua
40 cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

QUESTÕES

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto I, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1. Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.
2. Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento

“fora transformado em filme” (l. 11 e 12) poderia ser reescrito da seguinte forma: foi transposto para o cinema.

3. Os termos “trágico” (l.15), “de Uirá” (l.16) e “deste século” (l.16) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.
4. Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão “contar nos dedos das mãos” (l.6) poderia ser substituída por contar pelos dedos.
5. As relações semântico-sintáticas no período “Nas Bacantes, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas” (l. 26 e 27) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.
6. O trecho “viceja um esplêndido indigenismo” (l.3) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas
7. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio “incluindo” (l.10) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

8. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

TEXTO II

1 Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi
 degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja
 porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que
 4 os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que
 saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram
 esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz
 7 alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos
 por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza
 para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está
 10 o nó! Este é o “centro de enigma e sangue” da minha história.
 Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte
 todos nós, Brasileiros, de que “os irônicos estrangeiros” vivem
 13 sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso
 para, então, “ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasilios Mestres!
Fatal destino o dos brasilios Vates!
Política nefanda, horrenda e negra,
pestilento Bulcão abafa e mata
 16 *quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,*
podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os “irônicos
 22 estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós,
 Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira *trança*,
 uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “romance de crime
 25 e sangue”. Dizem eles que não é necessário nem um adulto
 dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro
 é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por
 28 um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são
 pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes
 ao primeiro exame, facilimos de desenredar.

46 A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado,
 julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e
 outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na
 49 mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da
 América Latina “foi uma Epopeia”. Vemos que somos muito
 maiores do que a Grécia — aquela porqueira de terra! — e
 52 aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças,
 mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores
 e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna,
 55 O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui
 chamado); eu, Poeta-guerreiro e soberano de um Reino cujos
 súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de
 58 cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro,
 primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível,
 cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes
 61 que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha
 história, isto é, a degola do meu Padrinho e a “desaparição
 profética” de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e
 64 bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. A pedra do reino. Rio de Janeiro: José
 Olympio, 1972, 3.ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

QUESTÕES

Com relação às ideias desenvolvidas no texto II, julgue (C ou E) os próximos itens.

9. O narrador do texto apresenta um “insolúvel enredo de ‘romance de crime e sangue’” (l. 24 e 25), a partir de um episódio familiar, constituído pela degola do seu padrinho e pelo rapto de Sinésio.
10. O narrador classifica Tobias Barreto de “excelso Gênio brasileiro” (l.32) por este haver escrito um romance que não expressou a índole de um povo superficial, uma vez que a narrativa se revelou enigmática e sangrenta.
11. Para o narrador, a formação territorial do Brasil foi um ato de bravura que poderia fazer os brasileiros ultrapassarem os feitos narrados por Homero.
12. Conforme o narrador, brasileiros como Nicolau Fagundes Varela e Tobias Barreto escreveram contra os brasileiros, incapazes,

para ambos, de decifrar os enigmas do país e de fazer aparecer um romance de gênio.

13. Em “E comenta, ácido” (l.39), a palavra “ácido” foi empregada, com ironia, para ridicularizar o Desembargador Pontes Visgueiro, criminoso de Alagoas.
14. Além de revelar sua identidade e algumas de suas alcunhas, o narrador do texto declara-se apto a, com sua história, superar os irônicos, sejam eles estrangeiros ou não.
15. O trecho “Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho” (l. 42 e 43), atribuído pelo narrador a Tobias Barreto, indica que os ‘irônicos estrangeiros’ ridicularizam a pouca capacidade dos brasileiros de conhecerem a realidade em que vivem.
16. Em “somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia” (l. 23 e 24), a palavra “trança” foi empregada no sentido de trama.

Com referência ao texto II, julgue (C ou E) os itens que se segue.

17. Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após “janelas” (l.2) poderia ser substituída pelo conector e.
18. No sintagma “os ‘irônicos estrangeiros’” (l. 21 e 22), o vocábulo ‘irônicos’ é o núcleo

do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de “irônico” em “desafio qualquer irônico” (l.58).

19. No trecho “porque eu, Dom Pedro Quaderna” (l.54), a conjunção “porque” é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.
20. No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo “cujos” (l.56) e o emprego da forma verbal “faça” na oração “antes que eu o faça” (l. 60 e 61).

TEXTO CB2A2AAA

Texto CB2A2AAA

1 É inegável que o Estado representa um ônus para a
2 sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento,
3 consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal
4 necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar
5 mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade.
6 Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização,
7 cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento,
8 de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

9 O bom funcionamento do Estado, que inclui também
10 o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do
11 controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e
12 tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição
13 de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe,
14 notadamente sob as luzes do princípio constitucional da
15 eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

16 O dever de cuidado é consequência direta do
17 postulado da indisponibilidade do interesse público. Em
18 decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever
19 de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o
20 interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis.
21 Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar
22 de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

23 O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla
24 interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um
25 dever de cooperação, não como faculdade, mas como
26 obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como
27 previsões normativas específicas, convênios e acordos.

28 Sob essa perspectiva, o controle público do Estado
29 deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com
30 o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse
31 contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a
32 todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle
33 da máquina estatal.

34 A observância do dever de cuidado e do de
35 cooperação — traduzida, portanto, na atuação comprometida
36 e concertada das estruturas orientadas para a função de controle
37 da gestão pública — deve promover, entre os agentes e órgãos
38 de controle, comportamentos de responsabilidade e
39 responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno
40 compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o
41 que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime
42 de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o
43 comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e
44 proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a
45 ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, n.º 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

QUESTÕES

Com relação às estruturas linguísticas do texto CB2A2AAA, julgue os itens a seguir.

21. A coerência textual seria mantida se o verbo “catalisar” (l.5) fosse substituído pelo verbo organizar.
22. Sem prejuízo para a correção gramatical do texto, o trecho “O dever de cuidado (...) e nas leis” (l. 16 a 20) poderia ser reescrito

da seguinte forma: O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público; em decorrência do qual todo agente público deve ter o dever, de cumprindo fielmente, as suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis.

23. No trecho “a uma ampla interação” (l. 23 e 24), a inserção do sinal indicativo de crase no “a” manteria a correção gramatical do período, mas prejudicaria o seu sentido original.
24. No trecho “de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz” (l.8), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por “buscando otimizar o seu funcionamento” (l.7).
25. A coerência do texto seria preservada caso os vocábulos “comprometida” (l.35) e “concertada” (l.36) fossem substituídos, respectivamente, por responsável e reparada.
26. No terceiro período do texto, as formas pronominais “lo”, em suas duas ocorrências — “aprimorá-lo” e “torná-lo” —, e “seu” referem-se a “Estado”.

TEXTO III

1 Em suas remotas origens helênicas, o termo “caráter”
 2 significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir
 3 o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla
 4 significação ainda hoje é vernácula — se não corrente — em
 5 certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo,
 6 “caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra
 7 gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um
 8 homem não é somente o seu feito moral, senão também a
 9 expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a
 10 personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra
 11 e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo,
 12 podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti
 13 del Picchia é “o caráter”. Poesia profundamente simples e
 14 pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem
 15 concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos
 16 simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no
 17 sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o
 18 autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor
 19 caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da
 perfeição.

22 O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde
 naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a
 expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se
 25 despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza
 de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase
 necessários em quem apenas se inicia.

28 A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que
 procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua
 31 estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem
 se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade
 de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa
 34 independência sem esforço, reside o da obra em sua
 originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma
 perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da
 37 construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético.
 O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e
 de outras produções secundárias, concorre para a
 40 individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que
 tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com
 43 tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São
 versos que lidos — ficam; gravam-se invencivelmente na
 memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e
 46 no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não
 é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de
 intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência
 49 das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma
 funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor
 52 demonstração do seu “caráter”. Quando essa impressão não se
 limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria
 literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo
 55 que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição
 profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a
 58 evidência da beleza não pode ser em arte um critério
 axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da
 emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como
 61 a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa
 receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição
 íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a
 64 simplicidade e a frescura das criações espontâneas e
 necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro
 67 como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica
 70 compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias
 arbitrarias. Sendo o que é — um mal de amor impossível que
 leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir
 73 consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e
 do sonho necessário —, comove pelo simples aspecto de suas
 linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu
 76 caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu
 voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu
 lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com
 79 isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse
 marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à
 acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo
 mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu
 82 isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória,
 sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca
 85 Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: Estudos Literários.
 Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

QUESTÕES

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto III, julgue (C ou E) os itens a seguir.

27. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho “se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis” (l. 62 e 63), caso a expressão “se bem que” e a forma verbal “sejam” fossem substituídas, respectivamente, pelo termo porquanto e pela forma verbal são.

28. A inserção de uma vírgula logo após “impossível”, em “um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança” (l. 70 e 71), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

29. No período “Ganhou com isso (...) um eco natural” (l. 78 a 81), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

30. O trecho “se não corrente” (l.4) poderia ser corretamente substituído por se não for corrente, preservando-se o sentido original do texto.

FOLHA DE RESPOSTAS

| ANOTAÇÕES: | Questão | Resposta |
|------------|---------|----------|
| | 01 | |
| | 02 | |
| | 03 | |
| | 04 | |
| | 05 | |
| | 06 | |
| | 07 | |
| | 08 | |
| | 09 | |
| | 10 | |
| | 11 | |
| | 12 | |
| | 13 | |
| | 14 | |
| | 15 | |
| | 16 | |
| | 17 | |
| | 18 | |
| | 19 | |
| | 20 | |
| | 21 | |
| | 22 | |
| | 23 | |
| | 24 | |
| | 25 | |
| | 26 | |
| | 27 | |
| | 28 | |
| | 29 | |
| | 30 | |

GABARITO

| Questão | Resposta | ANOTAÇÕES: |
|---------|----------|------------|
| 01 | C | |
| 02 | C | |
| 03 | E | |
| 04 | E | |
| 05 | C | |
| 06 | E | |
| 07 | E | |
| 08 | E | |
| 09 | C | |
| 10 | E | |
| 11 | E | |
| 12 | E | |
| 13 | E | |
| 14 | C | |
| 15 | E | |
| 16 | C | |
| 17 | C | |
| 18 | C | |
| 19 | C | |
| 20 | C | |
| 21 | C | |
| 22 | E | |
| 23 | E | |
| 24 | C | |
| 25 | E | |
| 26 | C | |
| 27 | E | |
| 28 | C | |
| 29 | C | |
| 30 | C | |



COMO TIRAR O MÁXIMO PROVEITO DE UM SIMULADO

1



LUGAR RESERVADO

ESCOLHA UM LUGAR RESERVADO E SILENCIOSO PARA REALIZAR O SIMULADO. SE MORA COM MAIS PESSOAS, AVISE-AS PARA QUE NÃO INCOMODEM DURANTE A REALIZAÇÃO.

3



BEBA ÁGUA

DURANTE A PROVA, MANTENHA-SE SEMPRE HIDRATADO. ESTUDOS COMPROVAM A EFICIÊNCIA ENTRE A ÁGUA E O BOM DESEMPENHO MENTAL.

5



RETA FINAL

A EQUIPE A CASA DO SIMULADO DESEJAMOS A TODOS UMA BOA PROVA!

2



CRONOMETRE

OBSERVE NO EDITAL DO SEU CONCURSO QUAL SERÁ A DURAÇÃO DO CERTAME E FAÇA O SIMULADO NO TEMPO EQUIVALENTE. APRENDA A DISTRIBUIR O TEMPO ENTRE AS QUESTÕES. NÃO DEIXE PARA DESCOBRIR NO DIA DA PROVA QUAIS TIPOS DE QUESTÕES MERECEM MAIS TEMPO DA SUA ATENÇÃO.

4



BALANÇO

DEPOIS DO TÉRMINO DO SIMULADO, CONFIRA O GABARITO, ANALISE QUAIS SÃO SEUS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS PARA O DEVIDO AJUSTE NO SEU CRONOGRAMA DE ESTUDOS.

A CASA DO SIMULADO